



The singleness of a botanical artist

Joana Rodrigues Silva

Since time immemorial man has accompanied scientific research with images. Imagetic resources are used to prove the real, to assist the textual explanation. But to what extent is the image used in daily life the best way to observe the real? The way to explain it, to show it in all its breath?

The capture of images in a fraction of a second and the usage of computers that simulate reality, in three or four dimensions, can hide the human component of what is represented, whereas in illustration the person develops a deeper relationship with the represented object. The other mechanisms of approximation to the real leave little room for interpretation. The emphasis the artist wants is missing, his understanding of a certain detail.

It's not easy to observe an object in order to perceive it in all its breadth, to hold its essence in a slow, almost meditative process of highlighting what perhaps a camera can't reach. The contact with nature in a more leisurely, more deliberate, more intense way, from the observer's point of view, is as complex or more so than the writing process.

While photography is intuitive, illustration requires a superior focus, it requires a complex insight of all parts, a stronger connection with what is represented.

A singularidade da artista botânica

Desde sempre, o homem acompanha a investigação científica através de imagens, recursos para comprovar o real, para assistir à explicação textual. Mas até que ponto será a imagem utilizada no quotidiano a melhor forma de representar o real? De explicitá-lo e mostrá-lo em toda a sua extensão?

A captura de imagens numa fração de segundo e a utilização de computadores que simulam a realidade em três ou quatro dimensões podem ocultar a componente humana do que é representado, ao passo que, na ilustração, a pessoa desenvolve uma relação mais profunda com o objeto representado. Os outros mecanismos de aproximação ao real dão pouco espaço para interpretação. Fica em falta a representação daquilo a que o artista quer dar mais ênfase, a sua compreensão de determinado detalhe.

Não é fácil observar um objeto de modo a percebê-lo em toda a sua extensão, prender a sua essência num processo lento, quase meditativo, de realçar o que provavelmente uma câmara fotográfica não consegue alcançar. O contacto com a natureza de uma forma mais lenta, mais pensada, mais intensa do ponto de vista do observador, é tão ou mais complexo do que o processo de escrita.

Nevertheless, 3D simulation can highlight a particular detail, but it does not carry the human touch, the perspective of the one who draws it. The process of drawing a plant, an animal - and its interior - is a process that requires calm and doubled attention, where the particularities of the real are exalted.

But the representation of what is invisible to the naked eye, such as a cell or a molecular compound, brings-out a more concrete approximation to that which is not perceptible at first glance. In this specific case, the artist / designer / explorer / filmmaker seeks, through imagination and his existing knowledge, to highlight the characteristics that are most important to him.

If we ponder over the work of Charles Darwin at the time of his research on the Galapagos Island, we realize that in an era when there were no mechanisms for representing the real, apart from the drawing, the critical eye ruled and the praise for new species prevailed through meticulous illustration. The search for the perfect approximation of the real evidenced the explorers' need to portray what they saw in a thorough manner not only to make known their discoveries, but also to have comparison beacons in their investigations.

In each of the illustrations of early botanists, such as Alexander von Humboldt, the uniqueness and honesty of the discovery process shines through. However, throughout history, the development of societies and the introduction of new means to capture reality, the process of capturing the real has accelerated. It has become more economically sustainable, but also more fleeting, predictable, and mechanical. This might be the reason why the media branch exclusively

Enquanto que a fotografia é intuitiva, a ilustração requer uma concentração superior, requer uma complexa percepção de todas as partes, de uma ligação mais forte com o que é representado.

Já a representação do que não é visível a olho nu, como por exemplo uma célula, ou um conjunto molecular, traz uma aproximação mais concreta ao que não é perceptível num primeiro olhar. Neste caso específico, o artista/desenhador/explorador/cineasta procura, através da imaginação e do seu conhecimento prévio, evidenciar as características que lhe são mais importantes.

Se nos debruçarmos sobre o trabalho de Charles Darwin, aquando da sua pesquisa na Ilha Galápagos, percebemos que, numa época onde não existiam mecanismos de representação do real para além do desenho, vigorava o sentido crítico e a exaltação das novas espécies através de uma ilustração detalhada. A procura de uma aproximação perfeita do real evidenciava a necessidade dos exploradores retratarem o que viam de forma muito minuciosa, não só para dar a conhecer as suas descobertas, mas também para terem balizas de comparação nas suas investigações.

Em cada uma das ilustrações dos primeiros botânicos, como Alexander Von Humboldt, transparece a singularidade e honestidade do processo de descoberta. No entanto, ao longo da história, do desenvolvimento das sociedades e da introdução de novos meios para captar a realidade, este processo de captação do real foi-se tornando mais rápido, mais sustentável da perspetiva económica, mas também mais fugaz, previsível e mecânico. Talvez seja essa a

dedicated to geographic exploitation uses the photographic and videographic image as the primary mediums to expose the collected content or virtual devices, digital simulations of the image intended to be divulged, when they need to explain a singular process, only visible through the microscopic eye.

We have slowly entered a society of informational saturation, that submerges us by media messages, photos without essence, home videos and other representations of the real. We can certainly reflect on this content, but we appear to live under a mediatic hegemony, where appearance matters more than reality.

There's a constant influx of complex cases in which amateur photographers and videographers have alienated themselves from reality in order to capture the perfect image, disrespecting the circumstance and the moment.

On this theme, Baudrillard argues that in the representation of reality, the medium (in this case photography and 3D simulation) can be more stimulating and informative than what is represented. Although photography and digital representation devices have a strong imprint on their referent, in illustration there is a distancing effect, as well as an inevitable process of constant approximation of the artist towards the object to be represented. This causes, within the illustration, a stronger urge and higher spiritual exploration, often giving rise to the incessant use of the imagination. A few examples of illustrators who seek this approach and serenity are people like Pedro Salgado, Mafalda Paiva, João Catarina, Lindsay Marshall, and Amadeo Bachar. Through their work they attempt to combat a society overloaded by signs that require interpretation, a society propitious to the creation of mirrors of reality in a short timeframe and without monetary cost.

An elevation of the imperfect character of

razão por que os órgãos de comunicação que se dedicam exclusivamente à exploração geográfica utilizam a imagem fotográfica e videográfica como meios primordiais de exposição dos conteúdos recolhidos, ou dispositivos virtuais, simulações digitais da imagem pretendida, quando necessitam de explicar um processo singular, apenas visível pelo olho microscópico.

Entramos lentamente para uma sociedade de excesso informativo, onde somos submersos por mensagens mediáticas, fotografias sem essência, vídeos caseiros e outras tantas representações do real. Podemos até refletir sobre esses conteúdos, mas parece que vivemos sob uma hegemonia mediática, onde importa mais a aparência do que a realidade.

Casos complexos em que fotógrafos e videógrafos amadores se alienam da realidade para capturar a imagem perfeita, desrespeitando a circunstância e o momento, são uma constante. Sobre esta temática, Baudrillard defendia já em 1981, no livro *Simulacros e Simulações*, que, na representação do real, o meio (neste caso a fotografia ou a simulação 3D) pode ser mais estimulante e informativo do que aquilo que é representado. Apesar da fotografia e dos dispositivos de representação digital terem um forte cunho de aproximação ao seu referente, na ilustração existe um distanciamento e, também, um inevitável processo de aproximação constante do artista ao objeto a representar. Isto faz com que haja, no seio da ilustração, uma exploração e instigação espiritual superior, dando azo, muitas vezes, ao uso incessante da imaginação. Alguns exemplos de ilustradores que procuram esta aproximação e serenidade, como Pedro Salgado, Mafalda Paiva, João Catarina, Lindsay Marshall e Amadeo Bachar tentam, através do seu trabalho, fazer frente a uma sociedade carregada de signos que requerem interpretação, uma sociedade que possibilita a

nature involves the artistic process. It may even be said that art is an attempt to become nature. This attempt has been revolutionary throughout history, intensifying in current times, because the overload of images in the media has led to its deflation as well as and the drop of social conscience into an entropic and inhibiting mediatic stew.

The binary charge is so overcrowding that it becomes urgent to calm the mind and direct our focus on what slows us down as thinking beings. Time is still our greatest challenge in the framework of work and consumption. We stop too little to pay attention to the small things that flourish and live around us. We live programmed to work in front of the mechanical, the computerized, the hyper-real and, without realizing it, we lose taste for the analogic and tactile things of everyday life, which may seem superfluous but are in fact fundamental.

We have ceased to explore the five senses in order to move along the frenetic rhythm of virtuality. The deconstruction of this need for proofs is slow and difficult, but imperative. Following the digital penumbra we feel the need to stretch our body in the sun, to feel the surrounding scents of nature, to observe the imperfect details of what is not technological, to become aware

criação de reflexos da realidade num curto espaço de tempo e sem custo económico.

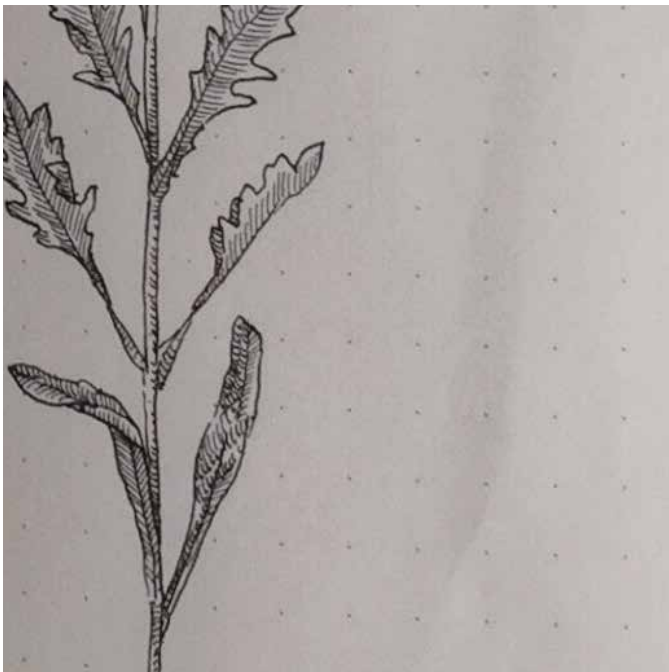
O processo artístico envolve uma elevação do carácter imperfeito da natureza, podendo-se até afirmar que a arte é uma tentativa de ser natureza. Esta tentativa foi revolucionária ao longo da história, tornando-se veemente na contemporaneidade, visto que a sobrecarga de imagens nos média levou à sua desvalorização e ao afundamento da consciência social num caldo mediático entrópico e inibidor.

A carga binária é tão congestionante que se torna urgente acalmar a mente e focar a atenção naquilo que nos desacelera, enquanto seres pensantes. O tempo é ainda o nosso maior desafio face à estrutura do trabalho e do consumo. Paramos pouco para dar atenção às pequenas coisas que florescem e vivem em nosso redor. Vivemos programados para trabalhar em frente ao mecânico, ao informático, ao hiper-real e, sem nos apercebermos, perdemos o gosto pelas coisas analógicas, táteis, do dia-a-dia, que nos parecem supérfluas mas que são extremamente fundamentais.

Deixámos de explorar os cinco sentidos, para entrarmos no compasso frenético da virtualidade. A desconstrução desta necessidade das evidências é lenta, difícil, mas imperativa.

Depois da penumbra digital sentimos a necessidade de esticar o corpo ao sol, sentir os cheiros circundantes da natureza, observar os detalhes imperfeitos do que não é tecnológico, tomar consciência do nosso corpo e, por fim, relaxar.

Às vezes procuramos silêncio, mas dentro do silêncio desejamos a comunicação entre seres, o equilíbrio, e sentimo-nos capazes de criar, de mostrar o que nos rodeia



Photographies
and Illustration
by
Lila Stansberry

of our body and finally relax.

Sometimes we seek silence, but within silence we desire the communication between beings, the balance. We feel ourselves capable of creating – capable of presenting what surrounds us because it touches us. This is the purpose of scientific illustration - to focus, to adore, and to understand what surrounds us, putting to paper strokes driven by instinct and delimited by sensibility.

The reproduction of the real through visual devices does not require calm, nor prolonged focus, just a momentary reflection and a little framing. However, in the illustration it is necessary to feel the pen / pencil / brush, instead of ourselves. There is a transposition of the being into the thing represented.

Whether or not it is a noble form of approximation to the real, scientific illustration gives us proofs that respect for the environment and the natural cycle of things is a form of transpersonal consciousness. To know things down to the smallest detail is to care and to love, enabling a decentralization of the urban creed and an approximation to biological roots. To be in contact with nature, representing it, is not only an exercise in reflection, but also of interconnection with the world, whether it is made-up only of sensations or its simulacra.

It was in this sense that the illustrator Lila Stansberry laid bare some of the personal presuppositions that led her to develop projects within illustration, respecting the tenuous relationship between the human being and nature. In the interview that follows, Lila explains the working method she uses for her creations, as well as the mental process of sensory stimulation that keeps her balanced with the natural rhythm of what surrounds her. In brief textual excerpts the essence of her two vocations transpires, both in the artistic core as in the scientific heart.

porque é algo que nos toca. Esse é o propósito da ilustração científica – focar, adorar e perceber o que nos circunda, trazendo para o papel traços conduzidos pelo instinto, delimitados pela sensibilidade.

A reprodução do real através de dispositivos visuais pode ser perfeita e possuir uma resolução quase cristalina. Já na ilustração é necessário sentir a caneta/lápis/pincel, ao invés de nós mesmos. Há uma transposição do ser para a coisa representada.

Seja ou não uma forma nobre de aproximação ao real, a ilustração científica dá-nos provas de que o respeito pelo ambiente e pelo ciclo natural de acontecimentos é uma forma de consciência transpessoal. Conhecer as coisas até ao mais ínfimo pormenor é cuidar e amar. Possibilitando uma descentralização do credo urbano e uma aproximação às raízes biológicas. Estar em contacto com a natureza, representando-a, não só é um exercício de reflexão, mas também de interligação com o mundo, seja ele feito apenas de sensações ou dos seus simulacros.

Foi neste sentido que a ilustradora Lila Stansberry desvendou alguns dos pressupostos pessoais que a levaram a desenvolver projetos no seio da ilustração, respeitando a ténue relação entre o ser humano e a natureza. Na entrevista que se segue, Lila explica o método de trabalho que utiliza para as suas criações, bem como o processo mental de estimulação sensorial que a faz manter-se em equilíbrio com o ritmo natural daquilo que a rodeia. Em breves trechos textuais transparece a essência das suas duas vocações, tanto no seio artístico como no seio científico.

Joana As I see through your Instagram feed (@leo.mortem), nature is obviously a huge inspiration for you.

Lila I've always been fond of Emerson, and agree with his philosophy that art is an imitation of nature. I chose to investigate the beauty of nature in the style of the early botanists, particularly those that were cataloguing the new world, because it allowed me to both represent the beauty and complexity of my subjects. I began using plants in my journal in order to be as accurate and authentic as possible and try to avoid using pictures and drawings as reference. In order to properly represent the natural world I try to draw directly in nature or from specimens I've collected.

Joana Can you tell us about your relationship with that you draw – were you particularly drawn to certain plants?

Lila I tend to illustrate local plants and fungi in British Columbia, I sit in my garden and sketch the flowers and weeds alike. A great advantage to drawing outdoors is you tend to come across unexpected subjects, such as butterflies and beetles. Other times I like to walk in the forest and collect samples. I am interested by a wide variety of subject matter, from ferns to pinecones, weeds,

Joana Como podemos ver através da tua conta no Instagram (@leo.mortem), a natureza é obviamente uma grande inspiração para ti.

Lila Desde que me lembro que sou fã do Emerson e concordo com a sua máxima de que a arte é uma imitação da natureza. Eu decidi analisar a beleza que existe na natureza, seguindo o estilo dos primeiros botânicos, particularmente daqueles que capturavam o novo mundo, porque isso permite-me representar tanto a beleza como a complexidade das temáticas que abordo. Comecei a colocar plantas nos meus diários para poder ser o mais precisa e autêntica possível, razão pela qual tento evitar a utilização de imagens e desenhos como referências. Para representar corretamente o mundo natural, tento desenhar diretamente na natureza ou através de espécies que colecionei.

Joana Fala-nos um pouco da tua relação com o desenho – és atraída por algum tipo de plantas em particular?

Lila Eu tenho tendência para ilustrar plantas locais e fungos da Columbia Britânica, sento-me no jardim e desenho flores e ervas de forma idêntica. Uma grande vantagem de desenhar no exterior é

rocks, beetles, mushrooms and moss. Lately I have begun preserving moss and lichen samples.

Joana Can you describe the process you usually go through when preparing an illustration?

Lila When preparing an illustration, I begin by collecting my specimen, if it's a fungi or lichen, I keep it in a plastic bag and take it home. My plants go directly into the press, and I usually wait for around two to three weeks before removing them, depending on the size. After they are dry, I use Yamato sticking paste to mount them into my journal or herbarium, which also helps to preserve the color. I illustrate either directly into my journal, or on watercolor paper, using both ink and watercolors. I find that the process of collection and preservation familiarizes me with my subject, which makes illustration easier.

Joana The art of flower painting is based on painting and drawing from observation. In your drawings, is there a line between being artistic and being realistic?

Lila As I am creating within the style of traditional woodblock carvings and etchings, my drawings are abstracted and stylized, which is particularly evident when I use crosshatching. My intention is to be artistic, but my drawings are accurate because I draw directly from the plant, and as a result pick up its salient features. Originally the intent of botanical illustration was to be as precise and true to the subject

surgirem facilmente novos elementos para desenhar, como borboletas ou besouros. Outras vezes, gosto de andar apenas pela floresta a colecionar espécimes. Estou interessada numa grande variedade de espécies, de samambaias a pinhas, de ervas daninhas a rochas, besouros e cogumelos. Recentemente, comecei a apanhar também musgo e líquen.

Joana Podes descrever o processo de preparação para uma ilustração?

Lila Ao preparar uma ilustração, começo por colecionar as espécies, se for um fungo ou um líquen, guardo-o num saco de plástico e levo-o para casa. As plantas vão diretamente para a prensa, e por norma, espero duas ou três semanas até as retirar, dependendo do tamanho de cada uma. Depois de estarem secas, uso cola branca Yamata para as fixar no meu diário ou herbário, isso também as ajuda a preservarem a cor. Costumo fazer as ilustrações diretamente no meu diário ou então em papel de aguarela, utilizando tanto tinta como aguarelas. Este processo de colecionar e preservar espécimes, ajuda-me a familiarizar-me com as temáticas, o que torna as ilustrações mais fáceis.

Joana O desenho de flores é uma arte baseada na observação. Achas que nos teus desenhos é notória separação entre a arte e a realidade?

Lila Como o meu processo de criação é baseado nas esculturas tradicionais

as possible. In the absence of photography it was important that people were able to recognise plant species through the illustrations. I believe that it is possible to be accurate while still maintaining artistic liberty.

Joana Drawing plants, flowers, animals and rocks make you feel closer to what surround you?

Lila The largest impact that natural illustration has had on my life is that it forces me so slow down and observe the small details in life. As a university student I'm always rushing around and working, illustrating allows me to stop and breathe. Every leaf suddenly becomes important, every twig. I notice the birdsong and I feel more sensitive and in tune with my surroundings. Illustrating has helped me to notice the small details in nature, and in my day to day life.

Joana I heard you are going to university to follow a geology degree. Will you combine science and art into a career?

Lila Natural illustration does not fall within the scope of being a Geologist. However, that said I believe that my art will always be with me whatever I do. Geologists have the opportunity to travel around the world, and I hope to use this as an opportunity to observe plants in other regions. It is difficult to say what the future will hold, I hope to someday marry my passion for nature with my love for the sciences.

em madeira e nas gravuras, os meus desenhos são abstratos e estilizados, o que é particularmente evidente quando uso a técnica de desenho cruzado (*cross hatching*). O meu objectivo é ser artística, mas os meus desenhos acabam por ser precisos porque são feitos directamente a partir da planta e, como resultado, destaco as suas características mais marcantes. Originalmente, a intenção da ilustração botânica era ser tão precisa e verdadeira quanto possível. Na ausência da fotografia era importante que as pessoas fossem capazes de reconhecer espécies de plantas através das ilustrações. Eu acredito que é possível ser-se rigoroso sem afetar a liberdade artística.

Joana Desenhar plantas, flores, animais e pedras faz-te sentir mais próxima daquilo que te rodeia?

Lila O maior impacto que a ilustração da natureza tem tido na minha vida é que me força a abrandar e a observar os pequenos detalhes da vida. Como estudante universitária, estou sempre com pressa e a trabalhar, a ilustração permite-me parar e respirar. Subitamente, cada folha, cada ramo, torna-se importante. Eu ouço o canto dos pássaros e sinto-me mais sensível e em sintonia com a minha envolvente. A ilustração ajuda-me a estar mais atenta aos pequenos detalhes da natureza, e ao meu dia-a-dia.

Joana Ao estares na universidade a seguir o curso de Geologia, acreditas que no



Photographies
and Illustration
by
Lila Stansberry



